

186, 2, 9, 2
LEANDRO GOMES DE BARROS

Echos da Patria

A Guerra

CANTO DE GUERRA

VENDE-SE na casa do autor em
Afogados á rua do Motoco-
lombó n. 190—RECIFE

BIBLIOTECA NACIONAL
E. L. 1918
138
do Rio de Janeiro

Echos da Patria

Despertaí filhos da Patria
Mostrai a vossa façanha,
Arriscaí o peito á balla
Ide morrer na campanha
Um soldado brasileiro
Não rende pleito á Allemanha.

Um filho deste torrão
Que de berço me serviu,
Morre no campo da honra
Como em Paraguay se viu
Mas brasileiro correr?
Quem disser isto mentiu.

Brasileiro onde faz presa
Parte os dentes mas não solta,
O punhal delle onde bate
Ou rompe ou parte ou entorta
Elle não desculpa affronta
Nem vai se humilhar em porta.

Trata bem a quem o trata,
Não é falso a seu amigo
Porem soffrendo uma affronta
Não ha peor inimigo
Só diz aquillo que obra
Não torce a cara ao perigo.

Zomba do frio e calor
Não teme sol nem sereno
Ri na presença da morte,
E não repugna veneno;
Na vista do brasileiro
Todo perigo é pequeno.

O brasileiro na guerra
Não se exercita a brigar
Muitos até ignora
O que é a *esquerda rodar*
Mas mata sem fazer sangue
Engole sem mastigar.

E' exato que a Alemanha
Tem formidaveis canhões
Submarinos que fazem
Terror ás navegações;
Nós temos isso, mas poucos,
E ninguém teme as nações.

Disse o grande Ruy Barbosa
No senado descursando:
Brasileiro faz sorrindo
O que allemão faz chorando,
Este paiz magestoso
Renasce de quando em quando.

Ha incantos no Brasil
Que não ha em outro solo
Nascemos no meio das flores
Somos criados no collo
O brasileiro não morre:
Se muda para outro polo.

A terra de Santa cruz
Que Casimiro cantou
A onde Santos Dumont
Seu ideal confirmou
Onde o primeiro balão
O grande espaço esplorou.

Um povo dessa linhagem
Não se rende a um allemão
Enfrenta todo o perigo
E onde vai pega é a mão
Pode morrer porem vinga
A morte de seu irmão.

Quatro vapores dos nossos
Ja foram torpedeados
E esses crimes horrendos
Não foram conciderados
Tolvez que pelo Macau
Os outros sejam vingados.

O Rio Grande do Sul
Parte voluntariamente
O Paraná se prepara
São Paulo diz estou na frente
Quando precisar me chame
E espere o contingente.

Santa Catharina ainda
Não tomou reslução
Nós esperamos de lá
Sahir grande agitação
Divido aos seus habitantes
Ser quasi tudo allemão.

Mas nada disso tememos,
O que faz rir faz rangir
Tudo que tem perna e junta
Está arriscado a cair
O brasileiro é um povo
Que bate em quanto bolir.

O Brasil logo a principio
Declarou neutralidade
Julgou tambem que a Allemanha
Tivesse fidelidade
E respeitasse o direito
E a sua nacionalidade.

Nós diviamos saber
A Allemanha quem é
Um aborto da desgraça
Sem lei, sem forma sem fé
Tomou um barco dos nossos.
Carregado com café.

O Brasil desimulou
Deixou ficar tudo lá
O commercio brasileiro
Teve o prejuizo cá
Depois um submarino
Pois apique o Paraná.

Onde morreram diversos
De sua tripulação
O governo brasileiro
Não quiz mais ter cõnceção
Feizou seus porto a ella
Cortou toda a relação.

Agora ultimamente
Soube o doutor Wenceslau
Que na costa da Hespanha
Torpedearam o Macau
Deu prova que o allemão
E' povo inconstante e mau.

E como está desgraçado
Não se importa com alguém
Vendo que um paiz tem vida
Quer desgraçal-o tambem
Como ella não tem a paz
Odeia o paiz que a tem.

Era 18 de Outubro
Um telegramma alarmaute
Dizendo o vapor Macau
Foi apique nesse instante
A Allemanha o poz apique
E prendeu o commandante.

Alvorçou-se o paiz
Desde o sul até a Norte
O povo corria as ruas
Com destino heroe e forte
Gritando tudo em voz alta
Queremos vingança ou morte.

Tudo pediu ao governo
Que elle declarasse guerra
O homem provem do pó
E nesse um dia se encerra
Morra tudo na batalha
Mas dezafronte-se a terra.

Vamos com unhas e dentes
Pega-se a pé e a mão
Do Brasil até um grillo
Nós o temos por irmão
E um vapor brasileiro
Val o imperio allemão.

O deputadado Mauricio
Para a tribuna subiu
E um discurso importante
Em alta vós proferiu
Dizendo esta santa terra
Que de berço nos serviu,

Está hoje é afrontada
Por um corsario allemão
Um infame que devia
Beijar do Brasil a mão
Afundou nosso vapor
E prendeu o nosso irmão.

Nós aculhendo a elles
Com toda amabilidade
Uns miseraveis que teem
Aqui hospitalidade!
Pagam a nossa fineza
Com essa barbaridade.

O exercito brasileiro
E muito bem deciplinado
E a força de vontade
Põe o homem exercitado
Dar a vida pela patria
E um direito sagrado.

Isso disse um deputada
Num discurso que fazia
Que dos olhos da mãe patria
Cada lagrima que sahia
Era com toda certeza
Um filho seu que morria.

Devemos todos formar
Uma só corporação
Por a mochila nas costa
A espingarda na mão
Não consentir no Brasil
Entrar um só allemão.

Ergue a fronte brasileiro
Que a desgraça agora sai
E nós havemos de ver
Se a cousa vai, ou não vai
A Austria encontrou marido
Allemanha encontra pai.

O Brasil dissimulou
A traição e covardia
Allemanha está pensando
Que nós não temos energia
Agora fica sabendo
Que tem de chegar seu dia.

Ou vai a lingua ou o beijo
Ou vai o queixo ou o dente
Ou vai o dedo ou a unha
E' impreterivelmente
Porem que o Brasil tem homem
Ella ha de ficar sciente.

Vamos a tapa e a murro
A coice e a ponta pé,
A destresa da allemanha
Não nos faz perder a fé
Ella ha de ficar sabendo
O brasileiro quem é.

Chore agora quem chorar
Gema depois quem gemer
Vai desde velho a criança
Isso não tem que saber
Da-se a vida pela honra
O sangue pelo dever.

O Brasil sempre acolheu
Esse ou aquelle estrangeiro
Deu provas de um povo honrado
Um paiz hospitaleiro
Porem se vendo offendido
Se transforma em carniceiro.

Era 18 de Outubro
Estava o paiz socegado
Quando veio um tellegamma
Que deixou tudo alarmado
Dizendo; um vapor nosso
Foi na Hespanha afundado.

Sahiu do Rio de Janeiro
O grande heroe Saturnino
Levando o vapor Macau
A França que era o destino
Foi nas costas da Hespanha
Victima de um submarino.

Esse corsario maldito
Fez isso sem avisar
Torpedeou o navio
Botou-o ao fundo do mar
E toda tripulação
Não consentiu se salvar.

O commandante Mendonça
Vendo-se alli agredido
Disse ao corsario allemão
Você tambem está perdido
Se hei de escapar por covarde
Vou morrer por atrevido.

E lançando mão do sabre
Cravou logo o commandante
Matou outro official
Que veio meter-se adiante
Por elle e por um criado
Foram 4 num instante.

O commandante Mendonça
Reconhecendo o perigo
Disse ao corsario allemão
O mar é nosso jasigo
Felizmente ja vão
Quatro diabos commigo.

Ora o Mendonça sozinho
Apenas com um criado
Dentro de um submarino
Por tantas feras cercado
Não poude mais resistir
O mataram degolado.

Morreu mais seu nome vive
Nas aguas do oceano
Provou que a raça latina
Engrandece o genero humano.
Mostrou a força que tem
Brasileiro e alagoano.

Morrer no campo da honra
Isso é causa differente
Porem morrer como homem
Peito a peito, frente a frente
Mostrar que a America do Sul
Sabe honrar seu continente.

E mostrar que o brasileiro
Aonde agarra não solta
E se faz bom na partida
Inda faz melhor na volta
Um soldado brasileiro
Tem o valor de uma escolta.

Havemos todos de ir
Combater na terra extranha
Morrer como morre brutos
Dando combate a Allemanha
Na esperança ou certeza
Que tarde ou cedo se ganha.

Nós não tememos a furia
Do carniceiro allemão
Pois tudo conhecerá
Que lutamos com razão
Defender a nossa patria,
A honra, o nome e braço.

A Allemanha não pense
Que o Brasil é cão sem domno
E nem que os seus filhos
Deixem a patria em abandono,
Isso só quando o paiz
Estiver no ultimo somno.

Viver desmoralizado
Isso eu não chamo viver.
Se fazer casa e não ser domno
Assim não se deve ter
A vida sem liberdade
E' muito melhor morrer.

Eu acho que nós devemos
Dizer ao barbaro allemão:
O couheço como féra,
Não o tenho como irmão,
Como quem zomba da morte
Entrar e pegal-o a mão.

Se o allemão possuir
Pessa de calibre grosso
Nós possuimos os braços
Despozição e esforço
Um golpe de um velho nosso
Val dez de outro qualquer moço.

A nossa bala onde bate
Quebra espedaça esfachéla
Entra no pé do pescoço
Sai no osso da canella
A medicina não cura
Ferida feita por ella.

Temos 22 Estados
De povo forte e possante
Que se gritando a um pega!
Agarra no mesmo instante
E em cinco minutos assa
Inda que seja um gigante.

O Rio-Grande do sul
S. Paulo o Rio de Janeiro
Matto Grosso e o Paraná
Partindo a um estrangeiro
E' igual a cobra ao sapo
Nem mastiga, engole inteiro.

Eu sou da opinião
Que o homem deve morrer
Porem não mostre fraqueza
Nem dê seu braço a torcer
A cobardia é um osso
Que não se pode roer.

Nós temos em nossa terra
Homem que morre sorrindo
A bala entra elle diz:
Não doe nem estou sentindo
Só dá fé que está ferido
Depois do combate findo.

E quem tem um povo desse
Não teme qualquer nação
Povo que estando em combate
Tira da peça a acção
Se lembra das trovoadas
Em Janeiro no sertão.

No seculo 15 um punhado
De pequenos portuguezes
Combateu heroicamente
E expulsou aos inglezes
Vidal de Negreiros sosinho
Expulsou aos hollandezes.

Portugal naquelle tempo
Só tinha o céu por abrigo
Tinha por alma o direito
E o seu passado antigo
Porem fez polvora de areia
E venceu ao inimigo.

O mesmo faremos nós
Nessa tarefa comprida
Havemos de dar o exemplo
De uma nação destemida
Ou se alcança a victoria
Ou não sai algum com vida.

Vimos no quarenta e noye
Batalhão de infantaria
Quando o commandante disse
Todo perigo que havia
Esclarecendo a affronta
Que nossa patria soffria,

Aquelle que se prestasse
A ir voluntariamente
O commandante ordenava
Que desse um passo em frente,
Não ficou um no lugar
E elle sorriu de contente.

Disse o commandante juro
Se houver guerra o Brasil ganha
Quem tem soldados assim
Não tem medo de campanha
Bate no peito dizendo
Venha mais outra Allemanha.

O Brasil inda sustenta
O peso de uma nação
O soldado brasileiro
Morre com armas na mão
Mostrando que um brasileiro
Inda morto tem acção.

A industria da allemanha
Para nós perde a vantagem
Ella faça o que quizer
Tem que perder a viagem
Ella vem com aparelhos
Nós vamos com a coragem.

A Guerra

Guerra ! oh ! guerra ! abysmo dos abysmos,
Lago triste enorme d'aguas turvas,
Condutora da fome e da deshonra,
Officina de orphãos e viúvas;
Um juiz não perdôa estes teus crimes
E nem lava tuas nodoas as grandes chuvas.

E's o cancro dos cancos, o mal dos males,
Nem a cobra tem tanta tyrania,
E's capaz de fazer medo ao terror !
Afugenta a tua voz a epidimia,
O desastre se assombra em tua frente,
Só um Kaiser da Allemanha te aprecia.

Tens a valla commum como trapiche
Onde vaes recolher teu apurado,
Alli veem-se mil tanques cheios de lagrimas,
Que verteram os pobres desgraçados,
Maldições de orphãos desvalidos,
Que se acham assim desamparados.

Os espiritos de féras te apreciam,
Tu nos peitos assassinos tens morada
E na roda da miseria indissolúvel
Tu és grande e tens lá a tua entrada,
Mas nas vistas de Deus e de homens justos
E's a couza que é mais odiada.

E's da lastima do mundo a mais antiga,
Dos conflitos tambem correspondente,
E's amiga do mau e do malvado,
Em teu todo infame e inconsciente
Assitúa-se a maldade o odio o vicio
E a miseria que reina Eternamente.



CANTO DE GUERRA

Letra de Antonio Garcez—Musica de Buriel.

A auri-verde bandeira se e'ève
Ao valor de seu Povo saudando,
Dos maiores o Genio nos léve,
Pelos louros da Patria, luctando...

Côro:

Oh! filho do norte
Robusto e viril,
As armas! Sê forte!
Deffende o Brasil.

Nossa Patria requer nosso Sangue
O Dever nos impõe ao combate,
Ante Nós, o mais forte é exangue
E o inimigo se curva e se abate...

Côro:

Oh! filho do norte

Todos juntos façamos muralha
A' estrangeira e inimiga cohorte
Com desdem ao troar da metralha
E zombando dos golpes da morte...

Côro:

Oh! filho do norte

Galopeiem corceis nas campinas
Trôe fuzil e sibilem as balas
E os punhaes brilhem nas carabinas
Obrigando ao inimigo abrir alas...

Obras do Autor

ROMANCES COMPLETOS EM VERSOS A 1\$000 RS.

A Força do Amor—Historia de Marina e Alonso.

A Morte de Alonso e a Vingança de Marina.

A Filha do Pescador.

O Mal em Paga do Bem—Historia de Lino e Rosa.

Historia do Cancão de Fogo.

A Mulher Roubada.

O Principe e a Fada.

Historia da Donzella Theodora.

O Boi Misterioso.

O Cachorro dos Mortos.

Os Sofrimentos de Alzira.

Alem destes Romances, Leandro Gomes de Barros tem mais

de 500 qualidades de Folhetos de

versos a 200 rs. que vende em

grosso com grande abatimento na

casa de sua residencia á Rua do

Motocolombo n. 190 em Afogados

arrabalde do Recife.

'Popular Editora', Parahyba—11.—917. (66)

